

Saúde em agonia

O estado do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) justifica a preocupação dos brasilienses com o sistema público de saúde. Pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi nos dias 11 e 12 de setembro prova que o atendimento médico, a assistência hospitalar e o acesso a remédios constitui a maior inquietação dos moradores da capital da República. A apreensão ultrapassa as incertezas com segurança, educação, emprego ou transporte.

Centro de referência na cidade e arredores, o HBDF há tempos enfrenta séria crise. Filas intermináveis, falta de leitos, precariedade de pessoal e mau atendimento viraram rotina. De tão comuns e constantes, tornaram-se problemas crônicos. Os pacientes os aceitam como fatalidade. Sem poder lutar contra a poderosa estrutura, conformam-se na esperança de a providência divina chegar até eles.

Com o passar dos meses, a expectativa torna-se cada vez mais remota. Além dos habituais, novos percalços atormentam os pacientes. Muitos correm risco de perder a vida por falta de material e equipamentos. Vale o exemplo do setor de cirurgia cardíaca. Desde

julho, os médicos só operam na emergência. Os cardiopatas ficam até seis meses à espera da oportunidade de ser atendidos. A longa demora debilita-lhes a saúde, tornando-os fortes candidatos a infecção hospitalar. Em abril, três pessoas morreram.

O Pronto-Socorro não foge à regra. Superlotação, desconforto para enfermos e acompanhantes, internamentos de meses de duração sem encaminhamento à especialidade adequada em tempo hábil, respiradouros artificiais sem manutenção e tantos outros desvios atestam o descaso com a saúde pública no Distrito Federal. A calamidade, que não constitui exclusividade do Hospital de Base, está sendo investigados pelo Ministério Público, que pediu ajuda à polícia.

O flagelo da saúde tem que ter ponto final. É inaceitável que pessoas doentes não tenham atendimento adequado, pacientes com enfermidades crônicas não encontrem o remédio que lhes garante a vida, crianças e adultos com todas as possibilidades de se submeter a cirurgia com êxito morram por falta de material e equipamentos. Administrar é definir prioridades. A situação de hospitais da rede pública é atestado de desprezo por quem não pode recorrer ao seguro de saúde privado. É lamentável.